

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES - DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

**ZAIRA BRUM MENDES**

**ARTE AFRO: ABORDANDO QUESTÕES SOBRE ESTEREÓTIPOS E  
AUTOESTIMA NA EDUCAÇÃO**

**Porto Alegre**

**2013**

ZAIRA BRUM MENDES

ARTE AFRO: ABORDANDO QUESTÕES SOBRE ESTEREÓTIPOS E  
AUTOESTIMA NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito final e obrigatório para a  
conclusão de Graduação em Artes Visuais –  
Licenciatura em Artes Visuais

Porto Alegre  
2013

ZAIRA BRUM MENDES

Arte afro: abordando questões sobre estereótipos e  
autoestima na educação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito final e obrigatório para a  
conclusão de Graduação em Artes Visuais –  
Licenciatura em Artes Visuais

Aprovado em      de      de 2013.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> D<sup>or</sup>. Claudia Zanata

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paola Zordan

Prof.<sup>a</sup> Dr. Mestre Rodrigo Núñez

---

## **AGRADECIMENTOS**

Ao concluir este trabalho, gostaria de agradecer à dedicação e paciência de minha orientadora, Cláudia Zanata, ao corpo docente do Instituto de Artes e também a algumas professoras da Faculdade de Educação, em especial às Professoras Paola Zordan, Andrea Hofstaether e Umbelina, que me fizeram acreditar em meu potencial e com isso buscar meu objetivo maior, a inserção e qualificação em prol do próximo, e não para mim mesma. Também gostaria de agradecer ao professor Rodrigo Nuñez, que muito antes do início de minha caminhada já fazia parte dela como um verdadeiro mentor espiritual.

E, por fim, à minha família e, principalmente, ao meu esposo, a pessoa que mais contribuiu para a realização deste sonho.

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai em fim alcançaram aquelas alturas de areias depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos e foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:*

*- Me ajuda a olhar! <sup>1</sup>*

Diante da imensidão afro-brasileira, estamos tal qual o menino do conto, diante do mar. Tal como o menino, estamos frente à necessidade de aprender a olhar o que esta em cada canto, em cada corpo, em cada prédio, em cada lugar; a inserção afro-brasileira. Só que precisamos como quem se põe diante da imensidão do mar, aprender a olhar, reeducar o olhar para ver além dos preconceitos e da ignorância. Fazer uma abrangência de conhecimentos, perceber que a vida, o cotidiano, o mundo são um universo de conhecimento a ser descoberto e inventado, que tudo – absolutamente tudo – que acontece pode nos ensinar algo, que o conhecimento não é linear, ele se dá em redes de conexões [...].<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: LPM, 1981. p. 15.

<sup>2</sup> BRANDÃO. Ana Paola. *Saberes e fazeres, modos de interagir*: caderno de atividades. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho 2006.

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho, a princípio, é apresentar uma pesquisa desenvolvida em sala de aula, com alunos de ensino fundamental final e médio, voltado para o conhecimento e valorização das culturas africana, afrodescendente e a representação da figura do negro nas artes visuais. Este trabalho tem um fundo autorreferencial. Ao abordar aspectos da cultura africana, indica alguns estereótipos expostos na cultura visual, em obras de artistas contemporâneos e modernos. Nesta abordagem, pretende-se, ainda, apontar as manifestações da arte afro-brasileira e africana, que não aparecem na cultura e na educação brasileira, para questionar os aspectos implícitos desta cultura visual. Serão citados artistas que trabalham com a temática da valorização da cultura afro-brasileira e africana e também os que abordam a desvalorização como denúncia social. Serão analisados exemplos destas manifestações vivenciadas pela autora, em sua trajetória, mas também observada no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Arte africana. Cultura visual. Estereótipo. Autoestima.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Édouard Manet, Olympia, 1863. Óleo sobre tela, 130,5 x 190 cm. Museu de Orsay ...	13
Figura 2 - Tarsila do Amaral, A Negra, 1923. Óleo sobre tela, 100 X 80 cm. Coleção do MAC da USP .....	14
Figura 3 - Alcir dias, Zé Maria, 2000. Óleo sobre tela, 70 x 50 cm. Coleção do artista .....	14
Figura 4 - Fotos da exposição Ponto cego, de Miguel Rio Branco, .....	19
Figura 5 - Lasar Segall, Morro vermelho, 1926. Óleo sobre tela, 115 x 95 cm. Coleção particular, São Paulo .....	21
Figura 6 - Lança Misteriosa. Técnica mista - Mestre Didi, 140 x 46 x 30 cm .....	23
Figura 7 - Altar Sacral. Rubem Valentim, 1868. Madeira Pintada .....	23
Figura 8 - Falico exu (1987). Emanuel Araujo. Madeira policromada, alt.162.....	24
Figura 9 - Fotografia da artista na exposição que homenageia a artista “A solidão do corpo”. ....	24
Figura 10 - Fotografia da artista na exposição que homenageia a artista “A solidão do corpo” ....	25
Figura 11 - Figuras (100x80cm). Maria Lídia Magliane .....	25
Figura 12 – Glabirão, acrílica sobre tela, (70x70cm), Leandro Machado.....	28
Figura 13 - Escola Judith Macedo de Araújo .....	32
Figura 14 – Preparação dos materiais.....	34
Figura 15 – Confecção dos carimbos e testes.....	34
Figura 16 - Foto performance alunos turma c23 .....	35
Figura 17 – Personalidades afrodescendentes .....	35
Figura 18 - Obras que serviram de referência a proposta que envolvia as esculturas religiosas de Mestre Didi .....	36
Figura 19 - Os alunos trabalhando na escultura T. c 31.....	36
Figura 20 - As esculturas .....	37
Figura 21 - Imagens de obras de referência.....	37
Figura 22 - A Atividade sendo realizada.....	38
Figura 23 - Imagens de referência da arte de Emanuel Araujo .....	38
Figura 24 - A atividade proposta.....	38
Figura 25 - Material didático visual. ....	39
Figura 26 - Trabalho dos alunos .....	39
Figura 27 - Material didático visual .....	40
Figura 28 - Os alunos trabalhando no portal .....	40
Figura 29 - Símbolos Adinkra .....	41

Figura 30 - Mestre Didi .....	41
Figura 31 - Rubem Valentim .....	41
Figura 32 - Emanuel Araújo .....	42
Figura 33 - Bijuterias africanas (exposição Arte da África /Berlin- SP).....	42
Figura 34 - Leandro Machado .....	42
Figura 35 - Portal do não retorno .....	43



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 REPRESENTAÇÃO NAS ARTES VISUAIS: ALGUMAS IMPRESSÕES PESSOAIS NO PERCURSO ACADÊMICO .....</b>	<b>13</b>
<b>3 HISTÓRIA PESSOAL: UM PERCURSO COMO AFRO-BRASILEIRA .....</b>	<b>16</b>
<b>4 ALGUMAS REPRESENTAÇÕES DA ARTE AFRO E DO NEGRO NA ARTE .....</b>	<b>18</b>
<b>5 REFLEXÃO A RESPEITO DAS ARTES VISUAIS NO ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA.....</b>	<b>29</b>
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>

## **Glossário**

### **Definições: um breve glossário como início.**

Apresenta-se um breve glossário no qual apresento definições de dicionário coletadas em uma pesquisa em livros e com colegas. Aponta-se palavras relacionadas à pesquisa, por acreditar que são estas palavras que norteiam meu trabalho de conclusão de curso. Nestas definições, buscou-se perceber o enfoque dado por algumas pessoas às definições usadas no cotidiano e notar que, muitas vezes, temos que recorrer ao dicionário para descobrir a verdadeira (original) significação de cada palavra, principalmente pelos vários sentidos que adquirem no dia a dia.

#### **Alemão**

- natural, habitante ou cidadão da Alemanha.
- relativo à Alemanha; indivíduo descendente de alemães; indivíduo de pele e cabelos claros, supostamente descendente de países nórdicos, mas no mesmo contexto torna-se um estereótipo étnico.

#### **Afro-brasileiro**

- termo oficial do Brasil que designa racialmente e de acordo com a cor as pessoas que se definem como pertencentes a esse grupo - segundo dicionário on-line.
- pessoa com descendência africana nascida no Brasil - segundo anônimo - brasileiro com descendência africana - segundo colega.

#### **Arte afro-brasileira**

- é a arte feita pelos afrodescendentes brasileiros - segundo definição de uma colega de classe.
- a arte que os africanos trouxeram em sua bagagem cultura - segundo definição de colega.
- a representação dos costumes dos negros por artista em geral - segundo definição de colega.
- a arte trazida como referência da África, como a cor da selva, as máscaras. Esta seria a representação da arte africana que, posteriormente, se transforma em arte

brasileira - segundo Roberto Conduru (2009).

### **Autoestima**

- palavra composta; a primeira exprime a ideia de próprio, de si mesmo; ato ou efeito de estimar a si mesmo em relação a sua postura social, psicológica; ou determinar por estima um valor de si.
- ter orgulho de quem você é - segundo anônimo.
- gostar de si mesmo - segundo colega.

### **Discriminação**

- ato ou efeito de separar, separação, segregação; tratar de modo preferencial.

### **Esteriótipo**

- palavra composta; exterior - externo, superficial; oposição ao interno, ou seja exprime a ideia de imagem que se cria.

### **Inferioridade**

- estado ou qualidade inferior; que esta abaixo; que é de categoria subordinada a outro em dignidade.
- que tem pouco valor.

### **Negrão**

- negro (flexão), negrão (aumentativo) - vem do Latim, niger, indivíduo que pertence à raça negra, também chamada de melanoderma = preta; ou - negrão é meu gatinho. Partindo desta resposta percebe-se que em um grupo de pessoas sempre surge um debate com questionamentos e até mesmo relatos de alguns em posicionamentos justificativos. Estas definições não são para os africanos, os pertencentes à África como os alemães pertencentes à Alemanha.

### **Raça**

- conjunto dos ascendentes e descendentes de uma mesma família ou de um mesmo povo; os homens em geral; a humanidade.
- grupo de seres caracterizados por qualidades análogas;
- conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos são semelhantes e se transmitem

por hereditariedade.

- uma forma de formar um estereótipo - segundo definição de colega de aula.
- características físicas e culturais que enquadram pessoas de um determinado grupo
  - segundo colega.
- características físicas e estruturais para classificar animais.

DICIONÁRIO Michaelis online. [S.l.], 2013. Disponível em: <[http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/raca%20\\_1032135.html](http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/raca%20_1032135.html)>. Acesso em: 03 dez. 2013.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. [S.l.], 2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) baseia-se em percurso a partir do relato sobre vivências pessoais ligadas a vários ambientes escolares onde a autora esteve inserida como estudante e como professora estagiária. Durante seu caminho na graduação como arte-educadora, desenvolveu um trabalho, de certa maneira, autorreferencial que, em certo momento, conectou se ao contexto escolar e como moradora de uma periferia em Porto Alegre.

Foi a partir de vivências como mulher negra que deparou-se com vários estereótipos, preconceitos. Assim, procurou aprofundar-me nesta pesquisa com relação não somente à sua história pessoal, mas, principalmente, sobre o cotidiano escolar onde vivenciou sentimentos de baixa estima, como isso afeta e até onde pode interferir no cotidiano social, cultural e econômico destes indivíduos afro-brasileiros.

A autora posiciona-se, nesta pesquisa, no sentido de fazer questionamentos para algumas perguntas que acompanham sua história de vida. Inicialmente este trabalho de conclusão de curso se conecta a um resgate de sua história de vida, resgatando fatos que a colocaram em um posicionamento de inferioridade, mas que levaram a uma transformação ao longo de seu percurso pessoal e acadêmico.

Crê estar em uma posição mediadora, por ser uma professora de arte educação negra, sentindo na pele como os estereótipos étnicos de inferioridade, por conta de fatores étnicos e socioculturais podem atingir as comunidades periféricas.

Com isso, pretende, com este trabalho, explicar algumas questões que relaciona, como a figura do negro ligada a uma condição de vulnerabilidade social, principalmente na cultura visual contemporânea, através de relatos vivenciados ao longo desta pesquisa, não deixando de exaltar a cultura dos afro-brasileiros das artes visuais, como Emanuel Araujo, Mestre Didi, Maria Lidia Magliane e Leandro Machado, entre outros tantos não citados durante sua trajetória no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sim, as artes visuais da cultura afro-brasileira e africana não são devidamente exploradas, apesar de esta última ser a primeira arte do mundo.

## 2 REPRESENTAÇÃO NAS ARTES VISUAIS: ALGUMAS IMPRESSÕES PESSOAIS NO PERCURSO ACADÊMICO

Durante seu percurso acadêmico, a autora desta pesquisa encontrou referências de obras de arte que, ao representar o homem negro ou a mulher negra, o fazem mostrando uma pele lisa e aveludada, um sorriso alvo e, no caso da mulher, feliz por sua condição de mãe. Não mostram o negro com a pele reluzente com o suor gotejando pelo corpo, por conta do calor do sol escaldante ou da dança que exige esforço físico demais. Muito do que é representado, na maior parte das obras, ao longo da história da arte é, na sua maioria, negras com seus seios fartos (como uma refeição a ser servida), ou cativos no tronco. Já na arte contemporânea mais recente, se vê a miséria dos guetos, a venda do corpo, crianças em situação de privações, enfim, imagens muito dolorosas de serem apreciadas, principalmente para quem não tem como fazer esta associação com a arte denúncia ou vincular a interpretação destas imagens a questões históricas. Também associá-las em relação a alguns valores estabelecidos por conta de questões socioculturais herdadas ao longo de décadas.

Ao seu primeiro contato com a arte moderna e contemporânea, onde passaram a serem tratadas questões sociais e políticas abordando a pobreza, a autora percebeu que as figuras retratadas nestas obras tinham, na sua maioria, características afrodescendentes ou latinas, como se as pessoas de origem europeia não fizessem parte deste grupo que possui problemas socioculturais e políticos, como a exclusão e a marginalização.

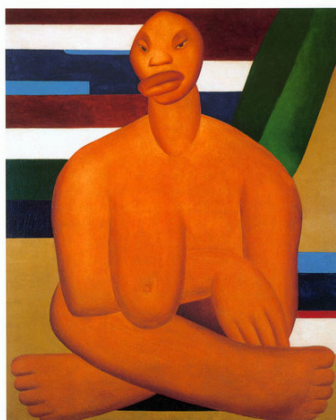
Abaixo, algumas representações do negro na pintura.

Figura 1 - Édouard Manet, Olympia, 1863. Óleo sobre tela, 130,5 x 190 cm. Museu de Orsay



Fonte: Olympia, 2013.

Figura 2 - Tarsila do Amaral, A Negra, 1923. Óleo sobre tela, 100 X 80 cm. Coleção do MAC da USP



Fonte: Fenske, 2013.

Figura 3 - Alcir dias, Zé Maria, 2000. Óleo sobre tela, 70 x 50 cm. Coleção do artista



Fonte: Dias.

Não deixando de expor uma situação até constrangedora, ao longo desta pesquisa para o TCC, foram visitados os oito andares do Instituto de Artes da UFRGS, em busca de referências afrodescendentes nas obras que estão expostas nos diferentes andares do prédio. Surpreendentemente, não foi encontrada entre as várias obras de arte espalhadas pelos andares referência a algum artista afro ou uma representação da cultura afro. Outra constatação é que todos os artistas produtores das obras são brancos. Isto é importante? O que isto revela? Pode-se afirmar também, como aluna do curso de Artes, que durante os anos que cursou a faculdade, no Curso de Artes Visuais, que apenas um ou outro professor citou a cultura negra, que é uma das raízes de nosso país. Nem mesmo consta no currículo uma disciplina para tratar de arte no continente africano.

Na mídia, o enfoque da cultura negra é também estereotipado; nas novelas, a negra é sempre uma empregada ou submissa a um homem branco. O negro, motorista ou marginal, todos moradores da favela. Quando são protagonistas, primeiro são rebaixados e inferiorizados, para só no final, quando acontece, vencerem seus

obstáculos.

Uma das questões que norteiam esta pesquisa é: como discutir a representação da figura do negro nas artes visuais, como protagonista, citando artistas que trabalham esta temática e como abordar este assunto na educação?

Pergunta-se como ao longo de seu aprendizado o aluno negro, de comunidades periféricas, poderia ser respeitado por seu valor social e cultural? Não apenas no pequeno universo em que está inserido, e que não seja influenciado pelos estereótipos da cultura visual que inferioriza, mas que possa reinventar sua condição através do fruir e do fazer cultural das artes. Como ele pode se representar a si mesmo por meio da arte?

Para mudar esse estado institucionalmente racista, foi sancionada uma lei, em março de 2003, que hoje, completando 10 anos de existência, não é respeitada como deveria. Como a Lei dos Índios, que só é trabalhada no dia do índio e pelos pequenos, só existe na Semana da Consciência Negra, ou seja, na sala de aula, apenas nas datas comemorativas.

Completa uma década a Lei 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/1996) e inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Os conteúdos devem ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História brasileiras. Mas como isto ocorre na prática, em sala de aula?



### **3 HISTÓRIA PESSOAL: UM PERCURSO COMO AFRO-BRASILEIRA**

Para complementar este trabalho, a autora cita fatos vivenciados que fortaleceram sua caminhada e, conseqüentemente, esta pesquisa.

Um destes fatos foi a opção pela licenciatura.

Aos sete anos sonhava em ser bailarina ou pianista, mas sua condição financeira a privava desta realização. Como a maioria das crianças, nunca sonhou sonhos possíveis de se realizarem, então aos quatorze anos decidiu trabalhar para poder comprar suas próprias roupas, que até então, ganhava da patroa de sua mãe, doméstica. Também foi trabalhar na profissão de sua mãe. Nesta ocasião, lhe foi apresentado o mundo glamuroso das pessoas de classe média alta. Como a maioria das pessoas que não têm a menor noção do futuro, abandonou os estudos, pois não conciliava com sua carga horária de trabalho.

Por volta de trinta e poucos anos, voltou para este mundo fascinante do conhecimento, com sua bagagem pessoal e com os sonhos guardados em um lugar escondido. No ensino médio, conheceu uma professora de artes que lhe apresentou as artes plásticas. Descobriu o valor de uma criação própria, que lhe proporcionou uma autovalorização e a necessidade de buscar o caminho, as realizações sufocadas por um sentimento que lhe impedia de expandir sua própria criatividade.

Anos depois, iniciou seu caminho pelos espaços da universidade, onde sentiu-se muitas vezes deslocada e reviveu sentimentos de desvalorização que já havia sentido no ensino primário e médio. Também vivenciou muitas vezes reações estereotipadas em relação ao fato de ser da raça negra, através de julgamentos pré-estabelecidos. Percebeu também que esta problemática praticamente não é discutida no Instituto de Artes. No primeiro semestre do Curso de Artes Visuais, decorreram episódios relevantes para suas indagações a respeito do tema, como quando uma colega expõe seu trabalho na disciplina de desenho, fazendo um paralelo com as modelos anoréxicas e as negras africanas que são magras por questões sociais (a fome). No entanto, ninguém questionou o que significava aquela comparação, apenas duas pessoas afrodescendentes na turma se manifestaram com indignação, não a indignação de estar sendo discriminada, mas a de entender que a pessoa estava se equivocando na contextualização de um assunto tão delicado, generalizando ou banalizando uma situação social. A partir deste fato, passou a dar mais atenção a como a sociedade pode ver um conjunto de pessoas e classificá-las. A sociedade nos impõe conceitos prontos e

devemos segui-los, para que possamos ser aceitos dentro desta sociedade que seleciona hierárquica e socialmente quem pode e quem não pode fazer parte dela. Por que este comentário? Por vivenciar, no cotidiano, atitudes que só expressam o que se encontra incutido na sociedade como um todo, sejam positivas ou negativas. Até nas palavras vê-se isto: “negação”, “a coisa tá preta”, “judiaria” etc. Também cita outro episódio que lhe impactou. Refere-se à exposição comemorativa aos 50 anos de carreira do fotógrafo Miguel Rio Branco, no Santander Cultural, em Porto Alegre, onde ele fotografa indivíduos em situação de extrema vulnerabilidade social, em sua maioria indivíduos afrodescendentes. Particularmente, nota-se que estas representações são recorrentes na fotografia. A autora sentiu-se muito mal e teve que sair do ambiente em questão, pois como mora em uma comunidade carente, viu representados ali indivíduos de sua comunidade. Nota-se que muitas obras de artistas contemporâneos ou não fazem questão de representar o negro nesta mesma situação, como se o retrato da África pobre se expandisse para o resto do mundo, como se para os afrodescendentes só existisse miséria e fome, sofrimento e tristeza. Depois, é este estereótipo que vamos replicar em sala de aula ou vamos mostrar que há muito mais, que há riqueza cultural? Ou nem vamos tocar no assunto? Pode se ter certeza de sua constatação, da presença de estereótipos, ao ver um aluno chorar enquanto assistia ao documentário “Lixo Extraordinário”, do artista plástico Vick Muniz, que mostra a situação dos trabalhadores do lixão, em sua maioria afrodescendentes. O aluno perguntou por que quase todos eram negros.

Em dado momento, a autora se percebeu pesquisando palavras chave como; estereótipo e representação do negro nas artes. Encontrou-se pouca literatura que citasse esta questão, o estereótipo nas artes. Quando se vivencia esta problemática, ela passa a ser questionada a este respeito no cotidiano. Na universidade, a autora é aluna cotista e muitas vezes este fato, que busca fazer um resgate das perdas sofridas por nossos ancestrais escravizados e impedidos de ter uma vida digna, a levou a ver que a discriminação existe dentro da própria academia, onde muitas vezes o aluno de cotas é inferiorizado.

Talvez tenham sido estas experiências visuais e sociais, encontradas nestes caminhos por onde a autora tem traçado sua história, que a levaram até a carreira docente e à busca por esta pesquisa onde, somente através de observações e vivências, conseguimos alcançar a dimensão do problema que não é da periferia ou do afrodescendente, mas do ser humano que diferencia outro ser humano por questões

absurdas como, por exemplo, cor de pele.

#### **4 ALGUMAS REPRESENTAÇÕES DA ARTE AFRO E DO NEGRO NA ARTE**

Quando nossos mais velhos vieram da África, nada trouxeram consigo. Na face e no corpo, as cicatrizes rituais de iniciação e identidades grupais eram os únicos invólucros do que traziam por dentro, a alma africana. Naquele sopro divino sobreviveram todos os hábitos de sua cultura ancestrais, apesar da provação suprema da travessia da calunga, daquele atlântico inferno. Vieram guardadas as devoções aos espíritos ancestrais, às formas de representação do mundo, memória das terras da Aruanda. Essas foram as suas únicas ferramentas para operar a resistência e a reconstrução de sua humanidade.<sup>3</sup>

A arte africana chegou ao Brasil com os escravos, que foram trazidos para cá pelos portugueses durante os períodos coloniais e imperiais. Chegando aqui, os elementos artísticos africanos fundiram-se com os indígenas e portugueses, para gerar uma nova arte, denominada arte afro-brasileira.<sup>4</sup>

Arte africana é definida em site do governo federal como:

O continente africano é composto por culturas diferentes. Cada uma possui seu idioma próprio, tradições e formas artísticas distintas. O deserto do Saara atuou e atua como uma divisa natural entre o norte da África e o resto do continente. Há, ainda, trocas culturais entre as duas zonas, que foram facilitadas pelas rotas de comércio que atravessam a África desde a Antiguidade. Os registros históricos e artísticos demonstram esse intercâmbio cultural. Assim, a arte africana é o resultado de um conjunto de manifestações artísticas produzidas por todos os povos da África ao longo da história, iniciando-se no período pré-histórico, nas formas mais antigas, que são as pinturas e gravações em pedra, na região do Saara.

Nesse continente, o objeto de arte é visto como funcional criado para ser utilizado, ligado ao culto dos antepassados, sempre voltado ao espírito religioso e ao uso diário, como os ornamentos e tecidos. A presença do tema da figura humana mostra a preocupação com os valores étnicos, morais e religiosos. Outros temas retratados refletem o cotidiano dos povos como, por exemplo, a religião, animais da floresta, cenas das tradições do povo. No norte da África, predominam as características islâmicas na arte, assim como a influência cultural e artística do Egito Antigo.

O olhar exotizador do branco sobre o negro e as criações do próprio negro, com seus referenciais estéticos ligados a ancestralidade, produzindo alguns dos marcos essenciais da cultura brasileira e da identidade nacional.

---

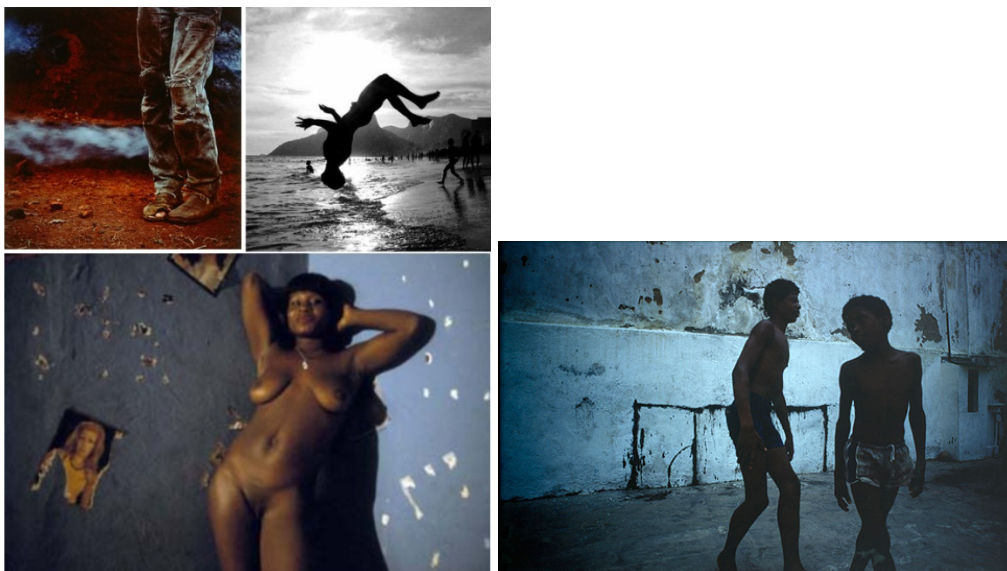
<sup>3</sup> GILBERTO GIL. *Introdução para o catálogo da exposição “A arte da África” do Museu etnológico de Berlim em São Paulo*. [S.l.], 2003.

<sup>4</sup> ARTE Africana. [S.l.], 2013. Disponível em: <[http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/arte\\_africana.htm](http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/arte_africana.htm)>. Acesso em: 17 set. 2013.

[...] com o desenvolvimento dos transportes e das comunicações, várias formas de arte têm sido divulgadas por entre as diversas culturas africanas. [...] As principais são as esculturas que compõem quase todo o arsenal artístico africano como ornamentos estatuetas moveis, utensílios domésticos mascarar joias, armas. [...] são modeladas em argila, terracota, ouro e bronze, porém a madeira é um dos materiais mais usados. As esculturas mais antigas são da cultura Nok (cerca de 500 a. C.), no território onde atualmente se encontra a Nigéria. Nos séculos XII e XIII, em Ifé, os artistas conseguiram atingir a perfeição na arte do retrato em barro cozido e em bronze. Essa técnica também foi passada para Benin. A habilidade técnica representou-se de forma tão naturalista que, acredita-se, inspirou a arte da Grécia Antiga. [...]<sup>5</sup>

Para o TCC, foram pesquisados artistas que fazem referência ao afro-brasileiro, como o trabalho do fotógrafo Miguel Rio Branco (1942), citado em capítulo anterior deste trabalho. Em sua exposição comemorativa aos 50 anos de carreira no Santander Cultural, em Porto Alegre, o artista expôs a história de vida de personagens não fictícios, que não sabem que estão sendo expostos nas salas e museus, como objetos da arte contemporânea. Tais pessoas, em geral, não obtêm nenhuma remuneração por esta “participação”.

Figura 4 - Fotos da exposição Ponto Cego, de Miguel Rio Branco, no Santander Cultural, em 2012



Fonte: obtidas pela autora.

Percebi nas fotos a presença de pessoas marginalizadas pela sociedade, na sua maioria afrodescendentes, e também o título da exposição “Ponto Cego”, muito significativo.

<sup>5</sup> PARANÁ. Secretaria da Educação. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

Pode-se entender que o artista possa estar fazendo uma denúncia social ou até mesmo abordando o aspecto social e um contexto econômico e estético capturado pela lente fotográfica como a luz e a cor, afinal, é um artista plástico.

A partir desta situação expositiva que me incomodou a autora, pensou que a pergunta que faria a Miguel Rio Branco, se o encontrasse pessoalmente, seria como ele vê esta representação repercutindo nos olhares dos alunos que visitam a exposição através de projetos escolares e que são da mesma condição social dos retratados. Faria uma exposição fotográfica representando estes olhares?

Fotografias com a mesma temática de Rio Branco são as de Sebastião Salgado. Sebastião Salgado, em entrevista, reconhece que estava morrendo ao ver a degradação da África, onde fotografou inúmeras imagens para o projeto Realidades. Ele terminou o projeto e mudou seu foco para outro tema, também denunciando de maneira a conscientizar o mundo da preservação na natureza. Salgado tem uma fundação para destinar parte dos recursos de suas obras para pessoas carentes. Mesmo assim, tem recebido muitas críticas que questionam sobre a real significação de seu trabalho, principalmente em como as pessoas se sentem em relação às imagens das periferias e seus moradores. Estas imagens banalizam a pobreza e se preocupam somente com a questão plástica da fotografia?

Nas representações dramáticas das figuras de negros do modernismo por vários artistas, não é tão explícita a degradação da situação do afrodescendente, talvez por ser exatamente a condição da maioria naquele momento. Foi pesquisado o artista plástico lituânio, que se denominava de “alma brasileira”, Lasar Segall (1891-1957). Segall, em sua obra, representa a figura negra em várias de suas obras. Em “Morro Vermelho”, segundo Roberto Conduru:<sup>6</sup> “[...] a mãe preta desta tela é uma figura isolada que nos encara com resignação e nítido desconforto em relação ao seu lugar físico e social.”

---

<sup>6</sup> CONDURU, Roberto. *Arte afro-brasileira*. Belo Horizonte: C-Arte, 2009. p. 7.

Figura 5 - Lasar Segall, Morro vermelho, 1926. Óleo sobre tela, 115 x 95 cm. Coleção particular, São Paulo



Fonte: Segall, 2012.

E Roberto Conduru, no mesmo livro, continua:

[...] O que conduz ao tema dominante nas representações de afrodescendentes; a mulher, além de macumbeira e mãe, ela aparece em outras variações; vendedoras de quitutes baianas mulatas [...]

O tema é recorrente desde Debret, e Lasar Segall não é o único a representar a figura do negro desta forma estereotipada. A Negra, de Portinari (1903-1962), aparece como um dos tipos nacionais por ele monumentalizada, mas sempre em um apelo a sexualidade. Di Cavalcanti elegeu a mulata como símbolo da beleza nacional, insistindo na condição de objeto sexual da mulher negra, ou seja, o estereótipo presente em todas as representações, mesmo quando monumentalizada por seu contexto social ou cultural.

Nas pesquisas, foram encontrados também artistas afro-brasileiros, apresentando costumes e crenças trazidas de uma ancestralidade, um deles é Emanuel Araújo que, além de expor o legado ancestral dos afrodescendentes, expõe a problemática do artista negro nas artes dos séculos passados e diz: “[...] os artistas afro-brasileiros não tinham a figura do negro como tema em suas obras, por desejo próprio, ou pela adversidade existente na época em questão em que foram inseridos no mercado de arte, [...]”<sup>7</sup>, citando Artur Timóteo da Costa (1882-1922) como primeiro negro artista plástico afro-

<sup>7</sup> PINTORES negros: contribuição negra à arte brasileira. [S.l.], 26 ago. 2008. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/pintores-negros-contribuicao-negra-a-arte-brasileira.htm>>. Acesso em: 17 set. 2013.

brasileiro a representar a figura do negro em seus trabalhos.

Um artista afro-brasileiro de grande importância é Deoscóredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi (1917- 2013), que ligou arte e religião africana e nos deixou como legado artístico “esculturas” cheias de cor.

Como escultor, escritor, ensaísta e curador, Mestre Didi é um representante da cultura afro brasileira e, mesmo sem formação acadêmica em artes, participa e é curador de diversas mostra de arte afro brasileira, tanto no Brasil quanto no exterior, reafirmando sua importância junto à produção artística contemporânea.<sup>8</sup>

Mestre Didi, que além de artista desde a infância também atuou como um grande líder espiritual da comunidade Nagô, no estado da Bahia. Seus trabalhos são inspirados na natureza, pela mãe Terra que é representada pelo orixá Nanã. Segundo Mestre Didi, os orixás da Terra são os que nos alimentam e ajudam a manter nossa vida. Diante da importância que teve o artista e sacerdote, é possível perceber o quanto podemos nos apropriar de seu trabalho para promover a valorização da cultura afro-brasileira na escolas. Poderíamos também, por meio das obras de Mestre Didi, nos referir aos cultos, aos rituais iorubas, por exemplo, para conhecer e estudar outras religiões que não as de origem africana.

Se encontrasse o Mestre Didi, a autoria perguntaria a ele se um estudioso engajado nas questões do povo afrodescendente durante uma vida inteira já teria encontrado uma forma de abordar a desconstrução dos sentimentos de inferioridade que existem nas periferias, como poderíamos abordar este conceito em sala de aula e no seu entorno. Como poderíamos atuar em relação à falta de estímulo na educação que, conseqüentemente, leva à evasão escolar na maioria dos afrodescendentes? Seria um passo importante a disseminação da cultura afro na educação, principalmente a partir da presença da Lei 11.649, que estabelece a “obrigatoriedade” do ensino da Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas de Ensino Fundamental e Médio em todo país?

Na figura a seguir, obra de Mestre Didi de 1993, que fez parte da 23ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo, em 1996.

---

<sup>8</sup> COUTINHO, Cristina; Eriki, ORLOSKI. *Documentário Mestre Didi Arte ritual*. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006.

Figura 6 - Lança Misteriosa. Técnica mista - Mestre Didi, 140 x 46 x 30 cm



Fonte: Mestre Didi, 2013.

**Rubem Valentim**, que também buscava sua inspiração nos símbolos africanos, no seu legado cultural espiritual e simbólico, tudo registrado em cada peça feita em madeira, ferro ou papel. Sempre na busca do encontro África-Brasil através das cores puras que usava, pois na pureza das cores encontrava simbolismo religioso.

Minha linguagem plástico-visual-signográfica esta ligada aos valores míticos profundos de uma cultura afro-brasileira (mestiça, animista e fetichista) intuindo meu caminho entre o popular e o erudito, a fonte e o refinamento [...].<sup>9</sup>

Figura 7 - Altar Sacral. Rubem Valentim, 1868. Madeira Pintada



Fonte: Valentin, 2013.

Também, Emanuel Araújo (1940 - Santo Amaro da Purificação/BA - 15 de

<sup>9</sup> VALENTIM, Rubem. Manifesto ainda que tardio. In: FONTELES, Bone; Barja. Wagner (Org.). *Rubem Valentim artista da luz*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2001. p. 28.



novembro), escultor, desenhista, ilustrador, figurinista, gravador, cenógrafo, pintor, curador e museólogo sentiu necessidade de expandir a arte afro-brasileira com inúmeros projetos. Emanuel Araújo foi chamado para exercer a função de diretor curador do Museu Afro de São Paulo voltado à valorização da cultura africana. Abaixo, imagem da obra de Araujo. No Museu existem projetos culturais pedagógicos que possibilitam aos jovens artistas conhecerem nossos artistas afrodescendentes e suas histórias.

Figura 8 - Falico exu (1987). Emanuel Araujo. Madeira policromada, alt.162



Fonte: Araújo, 2013.

Em capítulo inicial deste TCC, referiu-se a não presença do artista afro-brasileiro no Instituto de Artes. O curioso é que no próprio Instituto estudou uma importante artista brasileira. A 1ª negra a se formar em artes visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi Maria Lídia dos Santos Magliani (Pelotas/RS, 1946 - Rio de Janeiro/RJ, 2012). Pintora, desenhista, gravadora, ilustradora, figurinista, cenógrafa, de forma muito sutil representou a força da figura humana negra em seu trabalho.

Ela se considerava uma pessoa comum, não uma negra no mundo das artes e, a partir destes pensamentos, concluiu que ela estava muito a frente dos tempos de discriminação racial ou afirmação de negritude, queria ser valorizada pelo seu trabalho e não pela sua coragem de entrar neste mundo restrito à elite, pois não concorda com esta ideia negra de inferioridade

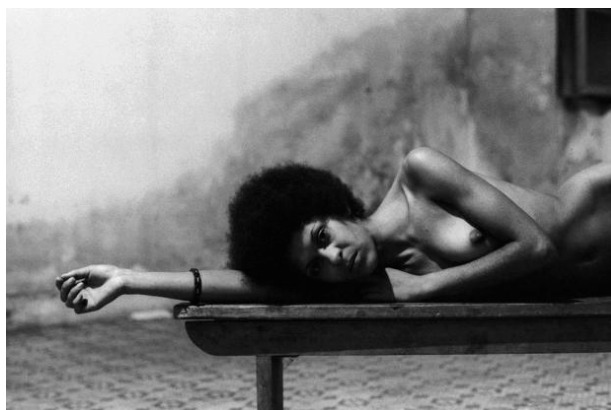
Figura 9 - Fotografia da artista na exposição que homenageia a artista “A solidão do

corpo”.



Fonte: Luiz Carlos Felizardo.

Figura 10 - Fotografia da artista na exposição que homenageia a artista “A solidão do corpo”



Fonte: Luiz Carlos Felizardo.

Figura 11 - Figuras (100x80cm). Maria Lúcia Magliane



Fonte: Magliane, 2013.

Segundo Maria Lúcia dos Santos Magliani

Me interessa sempre a essência do humano, que não é divisível em credos, raças e ideologias. Ser uma pessoa de cor negra não interfere em nada na minha pintura e não entendo a sempre presente preocupação das pessoas com este aspecto. É minha vez de perguntar: por que parece tão excepcional que um negro pinte?[...].<sup>10</sup>

O último artista a ser referido é Leandro Machado (1970), único artista do Rio Grande do Sul citado no livro do Conduru, um livro que aborda exclusivamente arte afro. A autora realizou uma entrevista com o artista, apresentada a seguir. Ressalta que entrevistar Leandro Machado foi muito importante, pois teve contato direto com um artista atuante e consciente de que sua prática se vincula a situações culturais, históricas e sociais.

Declara ainda, a importância desta entrevista, não só pelo contato direto, mas também porque em seu estágio apresentou sua obra aos alunos. Receberam também a visita do artista que pôde compartilhar alguns de seus valores sobre a arte e os alunos perceberam que a arte está ao alcance deles, inclusive.

Após uma conversa informal, Leandro falou sobre suas vivências como cidadão do mundo, seus projetos, alguns dos problemas enfrentados pelos artistas na contemporaneidade e sua relação com a arte. O artista busca trabalhar com materiais alternativos onde possa criar suas obras respeitando a natureza. A seguir, a entrevista transcrita:

1 - Tu és o único artista do RS citado no livro **Arte Afro-Brasileira** de Roberto Conduru, um livro que aborda exclusivamente arte afro, este fato repercutiu de alguma forma em sua carreira? Seu trabalho possui este enfoque?

***Leandro:** Na minha cabeça, tal participação ajudou e segue ajudando a consolidar a escolha que fiz em querer ser um trabalhador das artes visuais [e não outro]. Também se mostra como registro de um tempo, assim como é um meio de dar visibilidade, alcançando outros espaços e pessoas. Meu trabalho possui este enfoque e mais uma centena de outros.*

2 - Sobre o Bará do Mercado, localizado no centro do piso inferior do Mercado Público, e o Tambor, na praça “Brigadeiro Sampaio”, antiga Praça da Forca - obras significativas referentes à história dos afrodescendentes no RS. Você considera importante sua participação neste projeto? E qual a importância para a comunidade afro de Porto Alegre?

***Leandro:** A riqueza está em poder dialogar, em alargar fronteiras. Externa lizando o modo como sinto as coisas e ao mesmo tempo manter-se aberto para ouvir*

---

<sup>10</sup> MAGLIANI, Maria Lúcia. Entrevista com visitantes da mostra “Auto-retrato dentro da jaul” no MARGS. Porto Alegre, 2011.

*pontos de vista contrários. Num exercício em prol da construção de um pensamento coletivo, para também em conjunto decidir quais os caminhos a serem tomados. É de grande importância para a comunidade afro a existência de referenciais positivos [tão escassos] e para os demais habitantes, enquanto marca de que os negros ajudaram a construir a cidade com sua força de trabalho mas também com sua cultura.*

3 - Quais teus principais estilos em arte, aborda temas afro em seus trabalhos?

**Leandro:** *Não tenho interesse em representar o mundo em que vivemos, como reproduzir algo que não acredito. Meu desejo é construir um pensamento, um discurso utilizando como elementos a cor, as formas, a transparência, o acúmulo, a sobreposição, a palavra, o desenho, o som [empregando os conhecimentos de pintura, desenho, escultura, fotografia, colagem, performance, poesia, música]. Na condição de artista falo e penso também sobre a história e a cultura negra brasileira africana mundial.*

4 - Participa ou possui algum projeto de integração social onde apresente sua trajetória como referência?

**Leandro:** *Já participei e voltarei a participar de projetos coletivos, sociais. Mas sem ter minha trajetória como referência, entre os meus sou mais um, é preciso caminhar o caminho ainda.*

5 - Acredita na categorização da arte afro-brasileira?

**Leandro:** *Me parecem tão perigosas estas categorizações, estes encaixotamentos da arte e dos artistas [ou do quer que se trate]. Por correr o risco de reduzir uma complexidade de informações, questionamentos, sentidos, vivências a uma única possibilidade.*

6 - De que modo percebes o estereótipo lançado sobre o afro, construído, reproduzido, sustentado como inferior também pelos meios de cultura e de comunicação, ou seja, de uma representação que na maioria das vezes somente deprecia o negro e seu universo?

**Leandro:** *O meio onde a arte acontece [me referindo aqui aos espaços oficiais] pertence a uma elite [é histórico], assim como os meios de comunicação e os locais de decisão política. Essa elite é formada por uma maioria branca [não só em termos de cor de pele, mas no pensamento e no coração]. À medida que esse grupo possui total interesse em manter sua posição na parte superior da pirâmide [poder e privilégios], entre inúmeras ações, divulga, incute nos demais que os valores sustentados por ela são os mais dignos e que precisam ser alcançados por todos se estes quiserem pertencer, postular o mesmo status. Desvalorizar uma cultura que não seja a sua é estratégia adotada [sua eficácia vem dando provas ao longo do tempo]. Sinto o primitivo como a essência do pensamento, não como sinônimo de pobreza.*

7 - Em relação à cultura negra dentro de cada um de nós, como a sua se manifesta?

**Leandro:** *Segue comigo cotidianamente, é um ensinamento constante. Não é algo que se desassocie, é uma coisa única. Faço arte e política [em maior e/ou menor grau, mesmo que não pareça, mesmo que não perceba, tenho ela em mente].*

8 - A representação do negro como um ser melancólico, sofredor ou trabalhando, ou até mesmo cometendo atos ilícitos e quando o contrário é raro ser explorada esta outra imagem, qual sua opinião sobre esta questão?

**Leandro:** *Se apenas um lado dos fatos é explorado [levado à exaustão], e este sempre é o pior, o mais feio dos lados, é de se pensar sobre os interesses existentes. Ou por não darem voz ao outro lado da notícia ou por não se engajarem na construção de possibilidades para superarmos tais desigualdades.*

Figura 12 – Glabirão, acrílica sobre tela, (70x70cm), Leandro Machado



Fonte: Machado, 2011.

A pintura é um diálogo inscrito no corpo [corpomemória, corpoação, corporeflexão]. É a vida olhada de dentro. Um outro jeito possível para melhor se entender e viver nesse tempo e espaço. Acúmulo, sobreposição, transparência, relações cromáticas e dimensionais - camadas sucessivas que tentam dar conta da minha perplexidade diante do mundo. O que tenho por trabalho artístico é a própria resistência, necessária para me manter vivo, para afirmar que existo<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Leandro Machado na mostra Farpa no Coração, na Galeria Arte &Fato em outubro de 2011.

## **5 REFLEXÃO A RESPEITO DAS ARTES VISUAIS NO ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

A escolarização no Brasil se deu ligada a questões sociais, onde os mais abastados tinham educação de qualidade e os não possuidores de bens aprendiam o necessário para ingressar no mercado, como mão de obra barata. Ingressavam na faculdade apenas os que possuíam uma base educacional de qualidade ou os que buscavam, de forma individual, algum modo de melhorar sua qualificação para alcançarem de seus objetivos profissionais e, conseqüentemente, pessoais. Mas, a partir dos movimentos sociais em prol da igualdade racial, entre outros, estes aspectos passaram a sofrer modificações, contudo, esta discrepância ainda acontece na educação nos dias de hoje.

A lei 10.639/ 2003, que introduz a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africanas e afrodescendentes nos currículos das escolas estaduais, municipais e particulares de ensino fundamental e médio de todo o país, por varias vezes modificada, não está sendo cumprida a rigor. Segundo o Ministério da Educação e Cultura,

No atual momento de emergência de políticas públicas e da criação de instrumentos de gestão para a afirmação cidadã pelo qual passa o país, nas diretrizes e planos educacionais torna-se prioridade a valorização da riqueza de nossa diversidade étnico racial e cultural. (MEC, 2004 ).

Neste sentido, as artes visuais tem um grande trabalho a fazer. É também por meio da cultura visual que descobrimos o mundo e armazenamos material visual para a vida. Se pensarmos na importância da televisão, por exemplo, na vida das pessoas, vemos que ela pode reproduzir estereótipos: as mulheres afrodescendentes, por exemplo, na maioria das vezes, aparecem como domésticas.

Perguntas como onde o estereótipo sobre o afrodescendente começou, por que isso acontece no Brasil, em que âmbito, quem é afetado, quem percebe e quem faz as perguntas e dá as respostas, principalmente na educação, muitas vezes são feitas. Percebo que parte das respostas está nos acontecimentos históricos, abordados na escola, frequentemente de maneira contraditória ou subjetiva. Na cultura visual, a representação da problemática afro-brasileira e africana, se fazem presentes de maneira implícita, principalmente nas artes visuais, pois são tratadas apenas como representações historiográficas.

Com a escravidão, os afrodescendentes foram julgados tipos inferiores e, portanto, com menos direitos que os demais. Com o passar do tempo isso foi se consolidando, mas de maneira velada, e este grupo, o não pertencente, criou sua própria identidade, assumindo este estereótipo de inferioridade, mesmo assim, buscando em sua ancestralidade a força para continuar lutando contra todo o preconceito existente até a contemporaneidade.

Nas escolas, este perfil ainda se manifesta de várias formas. Talvez, pensa a autora, por ser também afrodescendente, perceba com maior clareza o problema que, para muitos, possui outra denominação que não baixa autoestima, como preguiça, falta de interesse, entre outras.

A cultura brasileira é fortemente marcada pela cultura africana. O negro teve um papel importantíssimo na construção de nosso país. Porém, aquele negro que no passado desempenhava a função de escravo, ainda hoje não é valorizado, pelo contrário é vítima de preconceitos. Muitas vezes é taxado de marginal e de outros adjetivos pejorativos.

Emanuel Araújo fala sobre o silêncio em relação aos artistas plásticos afrodescendentes como agentes na arte brasileira:

[...] Não se pode dizer que a vigorosa contribuição do negro à formação de uma cultura legitimamente brasileira não tenha interessado aos nossos estudiosos. Essas pesquisas, todavia, têm praticamente se limitado à escravidão propriamente dita e à herança negra encontrada no sincretismo, na música, no idioma, na literatura e nos costumes. As artes plásticas sempre foram relegadas a plano secundário, limitando-se praticamente a trabalhos isolados e incompletos [...].<sup>12</sup>

Analisando a fraca presença do negro brasileiro nas artes visuais, Clarival do Prado Valadares, num texto de 1988, menciona que essa presença sempre foi, quase que exclusivamente, relacionada ao que se convencionou chamar de “arte primitiva”. E explicava que esta arte, aceitavelmente dócil, era o que se esperava do negro. Enfim, uma arte adequada ao lugar que era permitido ao negro na sociedade brasileira. Esta atitude infelizmente ainda existente na atualidade. Compreende-se melhor isso quando, ao consultar uma publicação do Ministro das Relações Exteriores, em 1966, intitulada “quem é quem nas artes e literatura do Brasil” vemos que nela estão listadas 298 fichas bibliográficas de artistas brasileiros. Desta lista, somente 16 são negros. O mesmo Itamaraty, em 1966, assinala que, no que respeita a cor: “a maioria da população

---

<sup>12</sup> ARAÚJO, Emanuel. Op.cit, 1988, p.9.

brasileira é constituída de brancos a percentagem de negros e mestiços é fraca”. Hoje, não só desapareceu dos Anuários do Itamaraty essa “distração” étnica quanto progrediu a participação dos negros nas artes nacionais.

No contexto escolar também existe uma espécie de silêncio em relação à cultura negra. Segundo Dilma de Melo e Silva (1997, p. 44):

Os ‘livros didáticos de Educação Artística, adotados por 30% de professores da rede pública e consultados por 70 destes, são totalmente omissos no que se refere à produção cultural e artística do negro’ e continua, a bibliografia disponível para o ensino da Arte é omissa no que se refere à arte africana e incompleta quanto à afro-brasileira. Os professores de arte educação se formam sem nunca terem tido se quer uma disciplina com conteúdos relativos à estética negra ou às raízes africanas. Tem-se, ainda, em nossa produção simbólica, o agravante da ideologia do embranquecimento e do mito da democracia racial imposta pelos setores hegemônicos da sociedade.

Alinhada as palavras da citação acima à formação da autora, ela afirma que sua própria graduação ocorreu em um curso superior de artes visuais sem ter tido nenhuma disciplina dedicada às raízes africanas. Não é esta uma das raízes fundamentais da cultura brasileira? Da cultura de um país que tem 51% de sua população afrodescendente?

Mesmo que nosso país não tivesse uma raiz africana, o descaso com o ensino da cultura afro não se justificaria. O catálogo produzido para a exposição “A arte da África” do Museu Etnológico de Berlim, em 2003, chama a atenção para o fato de que a arte africana é a primeira arte da humanidade, a arte de um povo onde tudo se originou.

Tendo consciência (e fazendo parte) do panorama descrito acima, a autora percebeu-se inserida em um espaço escolar para fazer seu estágio docente. A escola onde concluiu seu estágio pertence à comunidade onde reside, da rede pública municipal de ensino, situada na zona periférica de Porto Alegre, no Morro da Cruz, local discriminado por conta de uma antiga fama de violência e tráfico de drogas, mas que hoje, mesmo com o tráfico ainda evidente, não pertence à lista dos bairros mais violentos da cidade.

A comunidade na qual a escola está inserida é predominantemente formada pela população de baixa renda da capital. A escola funciona em três turnos, sendo que, nos turnos da manhã e tarde, a proposta pedagógica desenvolvida é por ciclos de formação,



e no noturno pela Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Figura 13 - Escola Judith Macedo de Araújo



Fonte: obtida pela autora.

A escola Judith está situada na Vila São Jose, na Zona Leste de Porto Alegre, Morro da Cruz. Hoje, a comunidade evoluiu após muita luta por melhorias, mas os alunos ainda carregam o estigma de que as coisas boas estão distante deles.

Nas observações que feitas na escola, notou o relacionamento professor-aluno, a metodologia de ensino, enfim, um apanhado de tudo que conseguiu observar, mas com o foco na sala de aula, pois é onde acontecem as atividades. Nesta época, observou-se turmas de ensino EJA, seus alunos e professores. Como percebido nas observações, os alunos são em maioria afrodescendentes de baixa renda familiar.

Pensando em como contribuir para tratar o tema da arte afro-brasileira, que está, em geral, tão distante do contexto escolar, a autora elaborou um plano de ensino para tentar dar uma contribuição pessoal sobre o assunto. Com o objetivo de estudar as diversas expressões culturais correspondentes à arte afrodescendente e africana, bem como as várias significâncias das obras que relacionam o negro, pobreza e as situações de inferioridade, que criaram estereótipos culturais vivenciados ao longo das décadas, foi realizado, no estágio de docência, um projeto com objetivo de focar artistas afrodescendentes que vivenciam esta temática propondo outro olhar sobre a arte. Procurou-se apresentar à turma artistas que tiveram influência da arte africana em suas obras, como Pablo Picasso que, por volta de 1905-1907, teve contato com a arte

africana trazendo à tona, nitidamente, a inspiração para o movimento Cubista e também Rubem Valentim, argentino, que adota a Bahia como sua pátria e aborda, com maestria, a arte dos símbolos africanos em seu trabalho. Foram apresentados também os artistas negros do Brasil como: Artur Timóteo - o primeiro pintor negro do Brasil; Maria Ligia Migliane - primeira artista plástica negra formada na UFRGS; Emanuel Araujo - artista e museólogo, que hoje é o diretor do museu afro-brasileiro, entre outros.

O projeto pretendeu, além de desenvolver criatividade do aluno, suscitar um maior entendimento a respeito da arte contemporânea e suas várias formas de alcançar o público estabelecendo uma ligação com a arte africana e arte de afro-brasileiros.

Estabelecer discussões relacionadas à diversidade e as relações étnico raciais e a cultura que aborda este tema, não se afastando da arte inserida em nosso cotidiano. Também, destacar produções de artistas orientando o aluno no desenvolvimento cultural de linguagens artísticas de outras vertentes, tendo como base a diversidade cultural através dos tempos. Buscamos durante o estágio comparar e distinguir os conceitos embutidos nas representações dos artistas citados.

A proposta de trabalho começou com o estudo de alguns termos, a partir de um minidicionário. Trocamos informações sobre palavras de origem africana usadas no cotidiano e fizemos uma pesquisa sobre o significado das mesmas. Fundamental é o aluno poder relacionar o estudo das diversas culturas ao seu cotidiano, seja por meio do vocabulário que usa, das músicas, da dança.

Depois desta primeira atividade, passou-se a estudar alguns símbolos africanos e não africanos e contextualizamos estes símbolos. Na sequência, iniciou-se a 1ª parte do projeto, que tratava da elaboração de trabalhos sobre arte afro, através de símbolos Adinkra, citando sua origem e utilidade.

A partir deste estudo, cada aluno fez um símbolo próprio e desenvolveu um carimbo em Etileno Acetato de Vinila (E.V.A.), finalizando com uma obra coletiva entre utilizados. Foi o primeiro passo para carimbar-se tecidos. Também estudou-se como eram produzidas as tintas em algumas manifestações de pintura de máscaras africanas, quais os materiais utilizados nesta produção, quem utilizava as máscaras, como e por que eram utilizadas, em que momento.

Os carimbos confeccionados em madeira de tronco de árvores, os símbolos, cada um com seu significado. A preparação da tinta e das padronagens nos tecidos, além da sua utilização no vestuário da população do país de Gana/África.

Figura 14 – Preparação dos materiais



Fonte: Obtida pela Autora.

Após a contextualização da proposta, iniciou-se a confecção dos carimbos .  
Testou-se em folhas A4 e posterior a obra coletiva.

Figura 15 – Confecção dos carimbos e testes



Fonte: obtida pela autora.

Decidiu-se realizar foto performances com os tecidos produzidos.

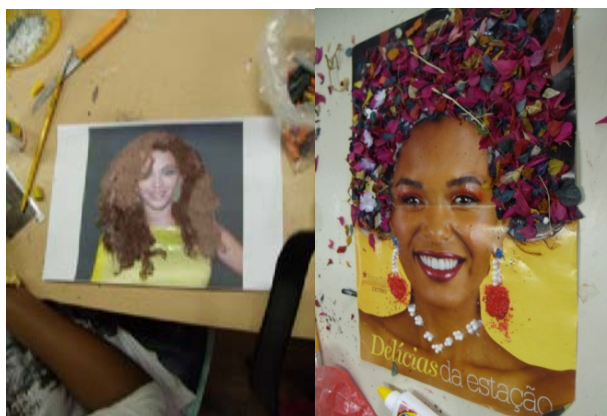
Figura 16 - Foto performance alunos da turma c23



Fonte: obtidas pela autora.

A turma c31 se opôs à foto performance, então trabalhou-se com imagens de celebridades afrodescendentes.

Figura 17 – Personalidades afrodescendentes







Fonte: Obtidas pela Autora.

Também realizamos propostas a partir do referencial da obra de Mestre Didi apresentada em um vídeo e materiais didáticos.

Figura 18 - Obras que serviram de referência a proposta que envolvia as esculturas religiosas de Mestre Didi



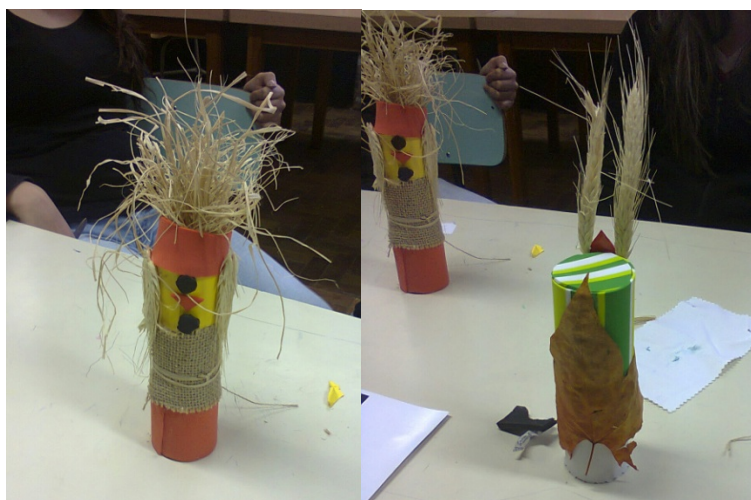
Fonte: Mestre Didi, 2013.

Figura 19 - Os alunos trabalhando na escultura T. c 31



Fonte: obtida pela autora.

Figura 20 - As esculturas



Fonte: obtidas pela autora.

A proposta com referência a Rubem Valentim e suas esculturas, evidenciada a espiritualidade afro, também trabalhamos as pinturas em vasos africanos com referência às obras do catálogo da exposição Arte África - obras do museu Etnológico de Berlim, em São Paulo – 2008, dentre estas obras haviam esculturas de figuras humanas, adornos, joias, vasos, potes entre outras e trabalhamos estas variadas formas de arte da África.

Figura 21 - Imagens de obras de referência



Fonte: obtidas pela autora.

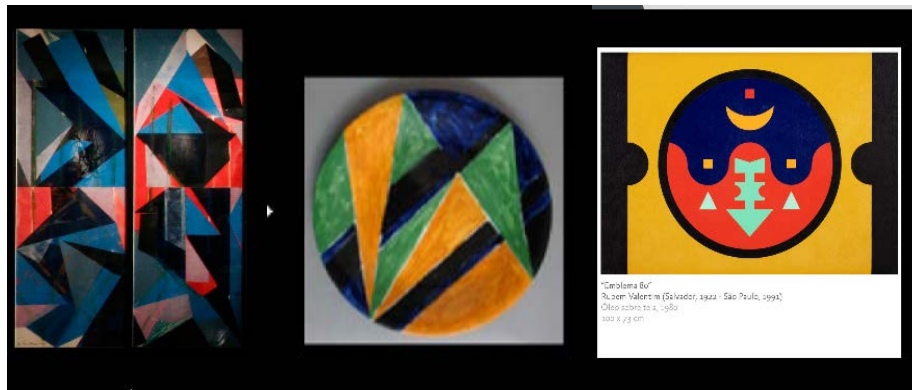
Figura 22 - A Atividade sendo realizada



Fonte: obtidas pela autora.

Emanuel Araújo e suas figuras geométricas foram as referências desta proposta, com o suporte em tubos de papelão, como com os trabalhos de Mestre Didi.

Figura 23 - Imagens de referência da arte de Emanuel Araujo



Fonte: Araújo, 2013.

Figura 24 - A atividade proposta







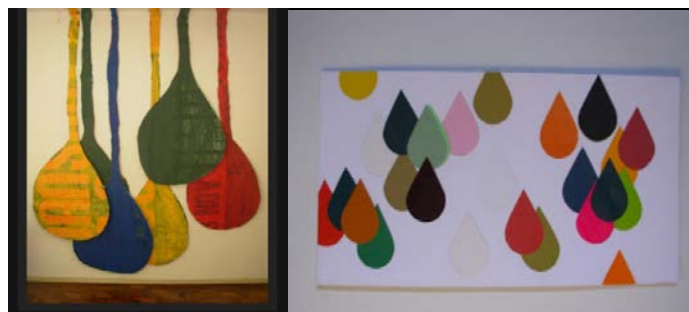
Fonte: obtidas pela autora.

Trabalhou-se a figura humana com desenho com a medida de sete cabeças e meia, evidenciando pessoas afrodescendentes e suas profissões.

Na última semana do projeto, conversou-se sobre Zumbi dos Palmares, Mandela e apresentou-se aos alunos o Museu do Percurso Negro de Porto Alegre e um dos artistas que arquitetaram as obras do percurso, como o Bará do Mercado (mandala centralizada no piso inferior do espaço, onde são realizadas homenagens afro).

O tambor escultura, em coreto localizado na Praça Brigadeiro Sampaio, antiga Praça do Enforcado, onde os escravos fujões eram punidos. A partir destes estudos, realizou-se uma atividade tendo como referência a obra de Leandro Machado, “O Glabirão”.

Figura 25 - Material didático visual.



Fonte: obtida pela autora.

Figura 26 - Trabalho dos alunos



Fonte: obtida pela autora.



Surgiu, neste momento, a proposta da realização de um portal. Surgiu no instante em que falou-se sobre a escravidão, como eram trazidos e de onde vieram os africanos. O portal do não retorno trata de um símbolo homenageando os que vieram e não conseguiram mais voltar para suas casas. Escravos que, após a abolição da escravatura no Brasil, não puderam retornar às suas origens.

Figura 27 - Material didático visual



Fonte: obtida pela autora.

Figura 28 - Os alunos trabalhando no portal



Fonte: obtida pela autora.

Alguns dos trabalhos realizados foram expostos na Semana da Consciência Negra, no dia 23 de novembro, organizada pela direção pedagógica da escola, com vários projetos envolvendo a cultura afro e palestras sobre o assunto.

**Trabalhos participantes da exposição tendo como referência os símbolos e artistas estudados**

Figura 29 - Símbolos Adinkra



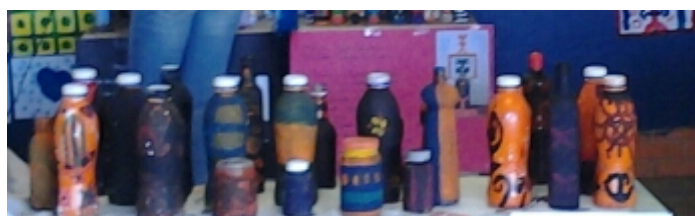
Fonte: obtida pela autora.

Figura 30 - Mestre Didi



Fonte: obtida pela autora.

Figura 31 - Rubem Valentim



Fonte: obtida pela autora.

Figura 32 - Emanuel Araújo



Fonte: obtida pela autora.

Figura 33 - Bijuterias africanas (exposição Arte da África/Berlin- SP)



Fonte: obtida pela autora.

Figura 34 - Leandro Machado



Fonte: obtida pela autora.

Figura 35 - Portal do não retorno



Fonte: Obtida pela Autora.

Trazer a reflexão sobre a produção afrodescendente para o cotidiano dos alunos, para a atualidade, através de comparações de símbolos e de diferentes meios de expressão por parte dos artistas, pesquisar, contextualizar, debater, trocar informações com os colegas sobre outras culturas pode auxiliar a desconstruir os estereótipos negativos ou discriminatórios com que a arte afro vem sendo abordada, principalmente na mídia.





## 6 CONCLUSÃO

Na década de noventa, começa-se a falar mais, não com certo incômodo para aqueles acadêmicos que escreviam sobre a história negra, mas, que não mexiam nem a pena nem a boca para denunciar o racismo brasileiro, que negros/negras militantes estavam ocupando o espaço da academia para escrever sobre a sua própria história. Este testemunho dos militantes desta década, em meio à onda negra dos trezentos anos da imortalidade de Zumbi dos Palmares (1995) e seus guerreiros e guerreiras, deixou um acúmulo de saber extraordinário para a educação brasileira. Chegamos ao século vinte e um, e a sociedade brasileira teve de aprovar a Lei 10693/2003, que preconiza o ensino do patrimônio dos africanos e afro-brasileiros em nossas escolas [...]<sup>13</sup>

O que trata a citação acima é real, estamos nos posicionando no sentido de ocupar um espaço que nos é de direito, e, assim, tornar possível algo que nos foi negligenciado por décadas.

E apropriando-me do conhecimento de vida que possuo, apropriando-me de obras, artistas, suas histórias e sentimentos pessoais para compor esta pesquisa, encontrei um caminho possível para pensar a arte e a educação.

Foi através destas abordagens que a autora encontrou, também, sentido para minha futura carreira docente, unindo-a a outros professores sedentos por compartilhar arte e olhar para as coisas a partir de um ponto de vista humano, quem sabe com menos preconceitos.

A cultura africana e afro-brasileira citadas neste trabalho buscaram enfatizar que a arte afro possui importância no nosso contexto como um todo e não apenas aos afrodescendentes e africanos.

O objetivo da autora foi alcançado de forma muito pessoal, mas não acaba aqui, este projeto é uma proposta de crescimento cultural comunitário, com a criação de um espaço futuro de cultura, que está sendo elaborado como uma extensão da escola na qual atua a autora desta pesquisa. Escola esta que mostrou-lhe um caminho a seguir, pois minha experiência com o estágio foi muito gratificante e ratifica minha opção pela área escolhida: a licenciatura em artes visuais.

Muito antes do estágio, eu já havia tido experiências com a docência, com as observações o PIBID e também na escola aberta, mas foi nas observações para trabalhos de disciplinas da FACED que pode refletir sobre as questões que me preocupam como

---

<sup>13</sup> Conceição, jornalista escritor e diretor do bloco afro Ilê Aiyê /revista 3-64.

professora e buscar metodologias de trabalho para enfrentar o tema da arte afro-brasileira em sala de aula.

É tão evidente a não importância dada à arte no contexto escolar, mas ainda a arte afro e aos artistas afrodescendentes que se se chega a ficar constrangida. A autora crê que neste TCC, e em sua prática em sala de aula, alcancei o objetivo de abordar a cultura africana e afro-brasileira de forma a mostrar as significações da arte negra e que ela não se restringe apenas ao carnaval, o funk ou aos ritos religiosos. Ela engloba tudo isto e muito mais, um universo rico e colorido como as obras de alguns artistas estudados neste TCC.

Por fim, sabendo que a caminhada apenas começou, cita-se uma frase de Paulo Freire que configura este momento.

Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais".<sup>14</sup> Freire (1921-1997).

---

<sup>14</sup> SANTOS, Michele. *Frases de Paulo Freire*. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://espa.compartilhado.blogspot.com.br/2007/10/para-refletirmos-frases-de-paulo-freire.html>>. Acesso em: 12 maio 2013.

## REFERÊNCIAS

- ABDIAS do Nascimento. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. [S.l.], 29 maio 2013. Disponível em: <Disponível em: <[HTTP://pt.m.wikipedia.org/wiki/abdias\\_do\\_nascimento](http://pt.m.wikipedia.org/wiki/abdias_do_nascimento)>. Acesso em: 16 set. 2013.
- ALMEIDA, Rodrigo. *A situação do negro no Brasil*. [S.l.], 2013. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/sociologia/a-situacao-do-negro-no-brasil>>. Acesso em: 12 ago. 2013.
- ARAUJO, Emanuel. *Biografia*. São Paulo, 2013. Disponível em: <[www.pintura-brasileira.com/artistas\\_bio.asp?cod=179&in=1](http://www.pintura-brasileira.com/artistas_bio.asp?cod=179&in=1)>. Acesso em: 5 dez. 2013.
- ARTE Africana. [S.l.], 2013. Disponível em: <[http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/arte\\_africana.htm](http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/arte_africana.htm)>. Acesso em: 17 set. 2013.
- ARTE da África. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. [S.l.], 22 nov. 2013. Disponível em: <Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte\\_da\\_%C3%81frica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_da_%C3%81frica)>. Acesso em: 17 set. 2013.
- BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho; SABALLA, Viviane. *Procedimentos didático-pedagógicos aplicáveis ao ensino de história e cultura afro-brasileira*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- BLOG do Júlio: fotógrafo. Disponível em: <[jcrs.com.br](http://jcrs.com.br)>. Acesso em: 14 set. 2013.
- BRAGA, Viktor. *Pintura corporal*. 1 out. 2010. Disponível em: <<http://colinaestival.wordpress.com/2010/10/01/pintura-corporal/>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- BRANDÃO, Ana Paola. *Saberes e fazeres, modos de interagir: caderno de atividades*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais*. Brasília: SECAD, 2006.
- CASA DA GRAVURA. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <[casadagravura.com.br](http://casadagravura.com.br)>. Acesso em: 14 set. 2013.
- CONDURU, Roberto. *Arte afro-brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: C/Arte 2007.
- COUTINHO, Cristina; Eriki, ORLOSKI. *Documentário Mestre Didi Arte ritual*. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006.
- CULTURA afro-brasileira. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. [S.l.], 13 ago. 2013. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura\\_afro-brasileira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_afro-brasileira)>. Acesso em: 12 ago. 2013.
- DIAS, Alcir. *Zé Maria*. Disponível em: <[www.alcirdias.com.br](http://www.alcirdias.com.br)>. Acesso em: 5 dez. 2013.

FENSKE, Elfi Kürten. Tarsila do Amaral - desbravadora do modernismo. *Templo Cultural Delfos*, [S.l.], ano 3, 28 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2013/04/tarsila-do-amaral-desbravadora-do.html>>. Acesso em: 5 dez. 2013.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: LPM, 1981.

GILBERTO GIL. *Introdução para o catálogo da exposição “A arte da África” do Museu etnológico de Berlim em São Paulo*. [S.l.], 2003.

HERNANDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Meditação, 2007.

HERNANDEZ, Fernando. Uma perspectiva interdisciplinar das relações pedagógicas *Revista Pátio*, Porto Alegre, ano 5, n. 16, mar. 2013.

MACHADO, Leandro. *Pequena espelunca - pintura sem caráter*. [S.l.], 2011. Disponível em: <[http://pequenaespelunca.blogspot.com.br/2011\\_02\\_01\\_archive.html](http://pequenaespelunca.blogspot.com.br/2011_02_01_archive.html)>. Acesso em: 5 dez. 2013.

MAGLIANE, Maia Lidia. *Exposição – “Magliani – A solidão do corpo”*. [S.l.], 31 maio 2013. Disponível em: <<http://www.mercadoarte.com.br/artigos/novidades/exposicao-magliani-a-solidao-do-corpo/>>. Acesso em: 5 dez. 2013.

MESTRE DIDI. *Catálogo das artes*. [S.l.], 2013. Disponível em: <[www.catalogodasartes.com.br/Avaliacoes2.asp?...Mestre%20Didi...%20..](http://www.catalogodasartes.com.br/Avaliacoes2.asp?...Mestre%20Didi...%20..)>. Acesso em: 5 dez. 2013.

NELSON Mandela. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. [S.l.], 11 dez. 2013. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson\\_Mandela](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson_Mandela)>. Acesso em: 12 ago. 2013.

O PORTAL do não retorno - Uidá - Benin. [S.l.], 28 jan. 2012. Disponível em: <<http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/2012/01/o-portal-do-nao-retorno-uida-benin.html>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

OLÍMPIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. [S.l.], 11 ago. 2013. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Olympia\\_\(Manet\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Olympia_(Manet))>. Acesso em: 5 dez. 2013.

OUIDAH. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. [S.l.], 28 ago. 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ouidah>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

PARANÁ. Secretaria da Educação. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

PARÉ, Marilene Leal. *Auto-imagem e auto-estima na criança negra: um olhar sobre o seu - desempenho escolar*. Síntese de Dissertação de Mestrado em Educação apresentada para a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível



em: <[http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo6/etnico\\_raciais/auto\\_imagem\\_crianca.pdf](http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo6/etnico_raciais/auto_imagem_crianca.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2013.

PINTORES negros: contribuição negra à arte brasileira. [S.l.], 26 ago. 2008. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/pintores-negros-contribuicao-negra-a-arte-brasileira.htm>>. Acesso em: 17 set. 2013.

PRODUTODEsaladeaula: Blog. [S.l.], 2013. Disponível em: <<http://produtodesaladeaularosangela.blogspot.com.br/search/label/Cultura%20Afro>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

RIOartecultura.com. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<HTTP://rioartecultura.com>>. Acesso em: 14 set. 2013.

RUBEM Valentim. . In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. [S.l.], 11 dez. 2013. Disponível em: < Disponível em: <[http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Rubem\\_Valentim](http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Rubem_Valentim)>. Acesso em: 22 set. 2013.

SABERES e fazeres: modos de ver. Coordenação do projeto Ana Paula Brandão. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. v. 1. (A cor da cultura).

SANTOS, Michele. *Frases de Paulo Freire*. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://espacompartilhado.blogspot.com.br/2007/10/para-refletirmos-frases-de-paulo-freire.html>>. Acesso em: 12 maio 2013.

SEGALL, Lasar. "*Morro vermelho*". [S.l.], 17 abr. 2012. Disponível em: <<http://leiovejoescuto.blogspot.com.br/2012/04/lasar-segall-morro-vermelho.html>>. Acesso em: 5 dez. 2013.

SIQUEIRO, Jose Jorge. Parâmetros curriculares nacional. 2. Arte (terceiro e quarto ciclos). *Revista de Artes e Humanidades*, São Paulo, n. 8, maio/out. 2011.

SOUZA, Ediberto de. *Representações do negro na arte*. Brasília, DF, 28 out. 2013. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/azuos58/representaes-do-negro-na-arte>>. Acesso em: 5 dez. 2013.

VALENTIM, Rubem. *Catalogo das artes*. [S.l.], 2013. Disponível em: <[catalogo.dasartes.com.br/Lista\\_Obras\\_Biografia\\_Artista.asp?...Rubem%20](http://catalogo.dasartes.com.br/Lista_Obras_Biografia_Artista.asp?...Rubem%20)>. Acesso em: 5 dez. 2013.

VALENTIM, Rubem. Manifesto ainda que tardio. In: FONTELES, Bone; Barja, Wagner (Org.). *Rubem Valentim artista da luz*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2001.

VALENTIM, Y. *Personalidade negras*. [S.l.], 25 out. 2008. Disponível em: <<http://cenbrasil.blogspot.com/2008/10/personalidades-negras.html>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

VISTA minha pele. CEERT, 2003. (24 min). Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=fNssyjM3\\_Y8&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=fNssyjM3_Y8&feature=related)>. Acesso em: 12 jun. 2013.